



Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana • Sexta-feira, 11 de Março de 2005



KRIOLIDADI

“Toca a cimboa, repica o tambor”

Uma cabaça, uma vara, couro, madeira e rabo de cavalo. Cinco elementos que emprestam corpo à tradição cabo-verdiana, e que juntos dão origem a um dos mais típicos e ancestrais instrumentos do país, a cimboa. A arte de unir os materiais e deles arrancar sons e melodias detém-na Mano Mendi, o último construtor e um dos últimos tocadores deste instrumento em Cabo Verde.

Rubon Tchiquero habituou-se já ao som que sai pela porta sempre aberta da casa de Mano Mendi, nominho de Pedro Sanches. É um som áspero e autêntico a que faltam, no entanto, “as vozes e os batuques das mulheres”, segundo o velho homem. Acariciando as cordas do instrumento com um arco, Mano Mendi toca as músicas “de sempre”, as que aprendeu com o pai quando tinha nove anos.

Arrancar sons deste instrumento rústico parece ser simples: dedilha-se a corda única da cimboa com os cinco dedos de uma mão, enquanto que a outra segura o arco que faz vibrar as cordas. Uma simplicidade que “é apenas aparente”, assegura Mano Mendi. Apontando para a testa meio tapada por uma bóina vermelha, o velho tocador afirma que “é preciso muita ciência da cabeça e paciência” para aprender a tocar cimboa, razão pela qual “já não há quem queira aprender esta arte”.

Difundida entre a população, a cimboa era tocada, como recorda Mano Mendi, em “casamentos, baptizados e festas da terra”, em conjunto com as vozes e ritmos das batucadeiras. Desaparecido da cena musical de Cabo Verde, o instrumento é agora apenas tocado em circuito fechado, em en-

contros que Mano Mendi mantém com músicos de S. Domingos como Zé Maria, Pascoal e Denti d’Oro, ou em reuniões com o grupo de batucadeiras de Rubon Tchiquero.

A falta de tocadores e construtores coloca em risco a sobrevivência do instrumento. A falta de materiais de construção, como a crina da cauda do cavalo, vulgo rabo de cavalo, contribui também para o risco cada vez mais iminente de desaparecimento da cimboa. O interesse por esta tradição cabo-verdiana parece vir quase exclusivamente do estrangeiro. Segundo Mano Mendi, “os únicos que me procuram para lhes construir uma cimboa são pessoas de outros países”. Perante o cenário actual, o velho músico é pe-remptório: “A cimboa vai morrer comigo”.

Cimboa em mãos insuspeitas

Sentado na sala do seu apartamento da Praia, longe das cabras e galinhas que percorrem Rubon Tchiquero, o ex-diplomata e político Olímpio Varela recorda os tempos em que, “pequenito”, aprendeu a tocar a cimboa com um vizinho. Uma aprendizagem que tinha o seu preço: “Para poder tocar à minha vontade, tinha que alugar o instrumento ao meu professor, em troca de um pouco do café que se produzia na propriedade dos meus pais, em Santa Catarina”.

O preço era elevado, mas pelos vistos valia bem a pena ser pago. A técnica musical de Olímpio Varela era usada pelos rapazes da terra como “parte da estratégia para atrair as moças”. Aproveitando o facto de haver raparigas que carregavam, de madrugada, a pedra destinada à construção de casas, os rapazes juntavam-se “nos sítios por onde elas passavam” para poder “trocar umas palavras”. Era então lançado o isco: “Quando nos encontrávamos com esses grupos de raparigas, davam-me o sinal para começar a tocar a cimboa, ao que elas correspondiam, cantando e tocando batuque”. Isco lançado, isco mordido. “Ficávamos todos juntos, rapazes

e raparigas, até ao amanhecer”, recorda com um sorriso.

Há cerca de cinquenta anos que Olímpio Varela não toca cimboa, afirmando, no entanto, que “tocar este instrumento é uma coisa que não se esquece”. “Quando tiver outra vez uma nas mãos, acho que saberei como arrancar os sons, como antigamente”.

De onde veio a cimboa

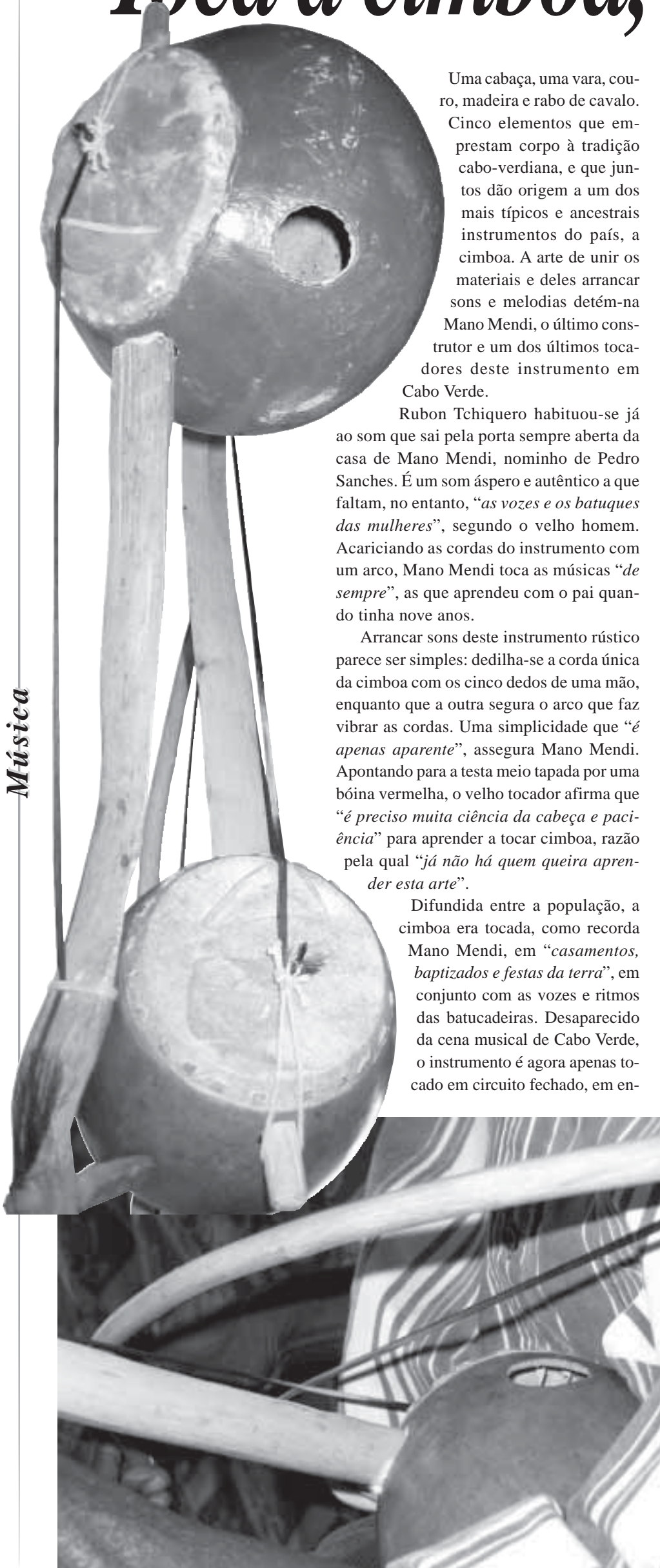
Segundo Baltazar Gomes, a cimboa é originária do antigo Sudão, no território que actualmente corresponde ao Gana. Terá sido trazida para Cabo Verde pelos escravos, que a tornaram parte integrante e indissociável do ritual do batuque. O poeta pré-claridioso Pedro Cardoso terá mesmo afirmado que “a cimboa está para o batuque como a guitarra portuguesa está para o fado”.

Perante o desaparecimento quase iminente da tradição do batuque, um grupo de etnólogos franceses, impulsionado pela escola de música Pentagrama e com o apoio do Centro Cultural Francês, procurou Mano Mendi, em 1998, para, em conjunto com António Denti D’Oro, gravar o som do instrumento. Cimboa em sintonia com viola e violão registada no disco, gravado no CCF.

Este registo constitui apenas uma parte de um projecto elaborado por Tó Tavares, da Pentagrama, em conjunto com Vitor Gama, que o levou já a realizar um estudo sobre a construção, execução e pesquisa em termos de escala da cimboa. Tó Tavares pretende agora adaptá-la “para que possa ser tocada na vertical, como um contrabaixo ou violoncelo”, o que a tornará “mais cómoda de interpretar”, segundo o músico. O director da Pentagrama tem como objectivo final deste projecto a organização de uma pequena banda de tocadores que darão continuidade a esta parte da tradição musical cabo-verdiana, contrariando, desta forma, as vozes que ditam o fim da cimboa.

Pedro Miguel Cardoso

Música



Estes poetas são meus. De todo o orgulho⁽³⁾



O presente ensaio pertence a José Luís Hopffer Almada, poeta e ensaísta cabo-verdiano, residente actualmente em Portugal, onde é participante do

programa Debate Africano, da RDP-África. Devido ao seu tamanho Kriolidadi vai publicar o presente texto, em várias partes.

Problemáticas actuais da lusografia e da universalização na literatura cabo-verdiana.

À língua cabe assim, nesse emaranhado de solicitações, um papel fundamental, mormente quando se tem em conta a actual tendência da poesia em Crioulo em se libertar do campo estreito das tradições orais na peugada, aliás, de um Eugénio Tavares, e para se transformar numa língua erudita propensa à universalidade, como se constata na poesia em crioulo de Kaká Barboza, Danny Spínola ou José Luís Tavares. A nossa universalização caminha, pois, a par com o nosso bilinguismo ou até multilinguismo. E nesse bilinguismo e multilinguismo é estratégico o papel do português como uma das línguas de acesso à ciência, à técnica, à modernidade, isto é, como língua da nossa universalização (como, no passado, foi uma das línguas da nossa nacionalização literária) e nossa primeira língua internacional.

Escrevia Fernando Pessoa que *“o problema de uma língua internacional é uma questão de arrependimento”*. Dizia: *“Quando recorremos a essa forma de língua não estamos na verdade à procura de nada de novo, mas daquilo que perdemos. Houve um tempo que qualquer homem, não de vasta, mas de cultura média, sabia ler na sua língua e no Latim, se é que no que toca à cultura não lia melhor o Latim. Nessa altura os livros científicos eram directamente escritos numa língua que qualquer homem culto podia ler, à qual seria absurdo e insensato sobrepor o trabalho e os riscos de uma tradução. O erudito polaco, o espanhol e o escandinavo, pertenciam, enquanto intelectuais, a uma mesma Nação; a cultura tinha no latim a sua própria língua; havia os Estados Unidos da Europa em tudo o que dizia respeito ao saber”*.

Dizia ainda Pessoa que *“com o Renascimento, a Idade Média e a Idade Moderna e a consequente constituição das Nações Europeias alguma coisa, neste caso o espírito europeu e a língua desse espírito, que para os cultos intelectuais era o latim, se perdeu”*.

Confrontando as reflexões acima referidas com a nossa própria realidade, somos obrigados a constatar a sua actualidade na violência do dilema que nos apresenta: ou seremos radicalmente nacionais e assumimos exclusivamente as várias vertentes materiais e espirituais da nacionalidade e perdemos algo, neste caso a Língua Portuguesa, ou permanecemos no estado em que se encontrava a Europa na Idade Média, na sua diversidade de línguas, culturas e costumes, em trajes sociais e nacionais, comunicando a sua intelectualidade numa única língua, de rosto universal, o Latim. Será o Português o nosso Latim? Eu diria que sim, se levarmos em conta que um grande número de moçambicanos, angolanos, santomenses, guineenses e cabo-verdianos ainda só se comunicam entre si nas respectivas línguas nacionais e étnicas, sendo o português a língua que sela a aliança entre as elites intelectuais, políticas e empresariais desses vários povos, dos pontos de vista nacional e internacional. A Língua Portuguesa é verdadeiramente pátria ou, pelo menos, uma das pátrias dessas várias elites; para milhões, para as

maiorias nacionais, ainda uma pátria virtual, um lugar de apatridia, tanto no sentido de língua não conhecida, não conquistada, como no sentido político e social de ausência de cidadania e de direitos cívicos.

É sabido que os nossos vários povos africanos estão empenhados, senão condenados, na construção Estados-Nações (não interessa aqui se mono-étnicos ou multi-étnicos se unitários, regionais ou federais) por forma a se colocarem em sintonia com as exigências quer da modernidade técnico-científica, quer do progresso social e cívico. Querirá isso dizer que o dilema com que Pessoa nos confrontou terá a sua saída na perda da Língua Portuguesa enquanto *“Latim da Comunidade Lusófona”*? Felizmente para nós, o problema põe-se hoje em termos substancialmente diferentes. Sendo na verdade o *“Latim”*, isto é, a língua franca e veicular, da Comunidade Lusófona, o Português é mais do que isso, quer por não ter morrido e ressuscitado nas línguas nacionais, salvo no caso dos Crioulos, quer pela sua condição de lugar de busca de empréstimos linguísticos pelas línguas nacionais, como foi o caso do Latim em relação às línguas novilatinas. O português permanecendo e estando vivo, sofreu no entanto uma espécie de ressurreição que advém de um processo paulatino, contraditório, dramático por vezes, e até hilariante, da sua conquista pelos povos que primeiramente nele viam fundamentalmente um instrumento de dominação, ostracização e glotofagização das línguas nacionais e étnicas e da alienação e assimilação das incipientes elites ascendentes, no quadro do império colonial português, fundamentado no luso-tropicalismo, na sua compreensão imperial e euro-cêntrica, e, agora, volvidos trinta anos sobre o 25 de Abril e mais de quatro décadas sobre o romper das águas da noite grávida de punhais, nele sonham ver o instrumento da sua unidade nacional, ou um dos alicerces fundamentais da sua identidade nacional e internacional.

O dilema, tal como pensado por Fernando Pessoa - que aliás nessa altura excepcionava o Brasil, também dono da língua, a ponto de lhe reconhecer o direito de não reconhecer normas ortográficas impostas unilateralmente por Lisboa - o dilema ou não se põe hoje em dia, ou se equaciona em termos substancialmente diferentes. Actualmente trata-se, e refiro-me ao caso particular de Cabo Verde, da defesa de dois patrimónios que, considerados conjuntamente, constroem os alicerces da nossa identidade nacional e internacional; trata-se de tornar os cabo-verdianos mais cabo-verdianos, isto é, mais crioulos, porque mais crioulófonos, mais crioulógrafos, por forma a-senhores da sua língua materna-serem mais competentes na Língua Portuguesa, e assim, mais lusófonos, mais lusógrafos. Trata-se de ultrapassar a actual situação de diglossia e tornar os cabo-verdianos, pelo menos os residentes em Cabo Verde, em Portugal, no Brasil e nos países afro-lusófonos, em verdadeiros bilingues: senhores do crioulo e do português, em ambos ven-

do pátrias, ainda que diversas nas suas funções identitárias, propiciadoras de equilíbrio cultural e psicológico, e para sempre arredando os traumas e outros problemas inerentes à diglossia e à glotofagia. Mãe-pátria crioula, transpátria lusófona, agora fundada nas nossas identidade e soberania nacionais, e na nossa livre e consciente vontade de comungar, com os outros lusófonos, o prazer de fruição da língua portuguesa e dos caminhos cívicos, políticos, económico-empresariais, culturais e sociais da comum pretensão à dignidade, à cidadania e a ao bem-estar material e espiritual.

Como escreve assertivamente o Presidente Mário Soares, *“a língua portuguesa une-nos como um mistério, porque é a língua que marca o espaço da nossa criatividade. Não são as fronteiras da soberania ou do poder político que marcaram o reino do espírito, é a fronteira da linguagem que traça o lugar a partir do qual, na nossa diversidade e através dela, podemos dar ao mundo, em criação artística, em experiência comum, em diálogo fecundo, em entendimento recíproco, o exemplo da convivência criadora de que será feito o futuro. Não direi, como Fernando Pessoa, que a língua portuguesa é a nossa Pátria. Direi, antes, - parafraseando-o-que a língua portuguesa é uma pátria de muitas pátrias”*.

Para o caso de Cabo Verde, continua válida, na sua actualidade, a expressão cunhada por Amílcar Cabral de que *“a língua portuguesa é a melhor herança deixada pelo colonialismo português”*. Na verdade, se em Cabo Verde a vida decorre em crioulo, como constatou perspicazmente, em 1986, o escritor brasileiro Jorge Amado, a nossa literatura, e, assim, uma significativa parte da nossa memória e do nosso património simbólico, e com isso refiro-me ao texto escrito e erudito, encontram-se arquivadas no nosso inconsciente cultural e nas bibliotecas, quase todas elas feitas em português. Isso porque, como certamente constatou Dulce Almada Duarte, enquanto no produtor do texto literário, em Portugal, o homem e o escritor se confundiam, em Cabo Verde o português era efectivamente a língua do escritor, mas não a língua materna do homem no qual o escritor habitava. A diglossia tem segundo a consagrada intelectual várias vertentes: a primeira seria que a nossa literatura em língua portuguesa não resultou de uma acumulação do tecido cultural e histórico, que em qualquer país subjaz, num plano restrito, à literatura oral e, num plano mais geral, à cultura, considerada no seu sentido mais lato, mas nasceu de uma ruptura linguística e cultural com a passagem do oral em crioulo ao escrito em português; a segunda vertente, também válida para os pioneiros da literatura cabo-verdiana, que são os escritores pré-claridosos ou hesperitanos, seria a falta de fluidez atávica a contrapor-se ao cuidado e rigor do gramático e do linguista no escritor cabo-verdiano.

José Luís Hopffer Almada
(continua no próximo número)

KRIOLIDADI

Agenda Cultural

Março Mês de Teatro oferece esta semana diferentes opções de artes cénicas. Na rua de Lisboa, em S. Vicente, pode assistir amanhã, 12, a partir das 12h15, a "Os Pega Saia", que é nada mais do que o teatro feito pelos grupos do Mindelo, à base das circunstâncias do momento e do improviso. No mesmo dia, às 23h30, os alunos do X Curso de Iniciação Teatral do CCP-ICA do Mindelo da Praça Nova o seu palco para apresentar "Os Bichos saem à Praça". E no dia 13, a actriz francesa Nadia Guenet mostra no CCM "Allegro Piccolo", peça no estilo clown.



"Screbi na crioulo - razón de um scodjensa", é o título da conferência que o Centro Cultural Francês promove hoje, pelas 18h30, sob a orientação de Kaká Barbosa e de Tomé Varela. Questões como a oficialização, ensino e divulgação do cabo-verdiano estarão em discussão num debate que pretende envolver o público em torno deste legado comum.



Beto Dias estará em concerto hoje, 11, a partir das 23h30, no MindelHotel, para apresentar o seu mais recente CD - "Quasi Perfeito". Cantor romântico, autor de algumas das mais belas baladas da música cabo-verdiana, Beto Dias tem um convidado especial para esse espectáculo, o vocalista e baterista Grace Évora.



Inserido no ciclo de teatro e de conferências promovido pelo Centro Cultural Português/ Instituto Camões, decorre hoje, pelas 18h30, um espectáculo da Raiz di Polon, que fará uma incursão pela história da dança. Já amanhã, às 16 horas, a Madalena Monteiro vai proferir uma palestra subordinada ao tema "A instabilidade familiar", seguida, às 19 horas, por uma actuação do grupo Finka Pé, intitulado "As Causas da Vida".

Denis Graça projecta lançar entre Maio e Junho deste ano o seu segundo CD a solo. Enquanto isso não acontece, o cantor cabo-verdiano prossegue com espectáculos, sendo que o próximo é amanhã, 12, na cidade de Nice, França. O autor de "Amor à primeira vista" actuará 11 dias depois em Amien, também no país da Torre Eiffel.



Bety Fernandes e Rosy Timas apresentam no próximo dia 14, segunda-feira, no Centre Culturel Albert Camus, na cidade de Antananarivo, capital de Madagáscar, a peça "Duas sem Três". A apresentação, que se insere na digressão africana da companhia cabo-verdiana de dança contemporânea, repete-se no dia 17, quinta-feira, desta vez no Centre Culturel Français de Moroni, nas ilhas Comores, no Oceano Índico.



Teófilo Chantre fará um grande espectáculo no próximo dia 16, quarta-feira, no Queen Elizabeth Hall, em Londres. Mas antes da capital inglesa, o cantor cabo-verdiano, cujo último disco - "Azulando" - foi considerado como um dos melhores editados em França em 2004, dará um concerto hoje, 11, em Les Arcs, cidade de Plevén.



Decorre, no Centro Cultural Francês, na Praia, até dia 30, uma exposição de "pano di terra", onde estão em exibição vários exemplares desta arte típica cabo-verdiana. Esta mostra é acompanhada, todas as terças e quinta-feira, por um atelier onde o artesão Henrique se propõe a ensinar como dar forma ao pano de terra. O CCF promove em paralelo, também até ao dia 30, uma exposição-venda de bijuteria em prata, couro e madeira, fabricada artesanalmente por dois tuaregues do Níger, actualmente na Praia.



Black Stone é o convidado para a tocatina do próximo dia 18, sexta-feira, no Centro Cultural Francês da Praia. O grupo de rap, constituído por jovens da capital, apresentará os seus hits e canções novas, nomeadamente aquelas que fazem parte da colectânea de hip-hop produzido pela AV Produções.



O Palácio da Cultura Ildo Lobo prossegue com o ciclo de cinema, promovido pelo Kafuka Cine-Clube e com a música. Assim, no dia 14, o músico Hélder vai leccionar uma aula de música. No que se refere à sétima arte, no dia 13, às 19 horas, o aclamado filme de Emir Kusturica "Gato Branco, Gato Preto" vai ser projectado no PC, seguindo-se a exibição de "Um Verão de Amor", às 19.30, no dia 15, o mesmo dia em que vai ser inaugurada a exposição de fotografia de João Paradela.

KRIOLIDADI

EMPRESÁRIO NEGA QUE É DOENÇA GRAVE

TITO PARIS em tratamento médico

“Ele está doente, mas a doença não é grave, nem mortal”, refuta desta forma Paulo Pulido Valente, empresário de Tito Paris em declarações ao **Kriolidadi**, a notícia que dava conta de que o cantor cabo-verdiano estaria gravemente doente e não poderia voltar a cantar. Segundo Pulido Valente, o intérprete de “Dança ma mi crioula” sofre de um problema no sistema linfático, que o obriga a um tratamento médico e, consequentemente, a um abrandamento da sua actividade artística, mas “que tem cura”.

Considerado um dos expoentes máximos da actual música cabo-verdiana, Tito Paris conta com fãs onde há cabo-verdianos, daí que na *Praça*

das Flores, agência portuguesa que dirige a carreira desse músico, tem-se recebido nos últimos dias telefonemas de vários países, feitos por pessoas preocupadas com o “boato”, conforme definição de Paulo Pulido Valente, que dava conta de que Tito Paris estava muito doente.

De acordo com o empresário de Paris, “até se estava a organizar um concerto de solidariedade para com o Tito Paris nos Estados Unidos em que participariam o Bana e outros artistas cabo-verdianos”. Mas, afiança o empresário, “ele está bem, conduz normalmente o seu carro e há alguns dias esteve em estúdio a gravar”.

Entretanto, porque afecta o sistema linfático, responsável nomea-

damente pela produção das células brancas, os linfócitos, que produzem os anti-corpos protectores do organismo contra as infecções, a doença inspira alguns cuidados. “Ele deixou de fumar e de consumir bebidas alcoólicas, está sujeito a uma dieta alimentar e faz fisioterapia de 15 em 15 dias”, explica Paulo Pulido Valente, numa altura em que Tito Paris aguarda um parecer do médico sobre o ritmo a que pode, a partir de agora, trabalhar.

É que o autor de “Guilhermina” tem uma série de espectáculos marcados para o próximo mês, um programa que o deveria levar à Bélgica e Holanda.



TSF

Música



GILYTO LANÇA DISCO DA MATURIDADE

“É um disco mais maduro, mais tradicional e mais equilibrado” - define assim Gilyto o terceiro CD a solo da sua carreira, que estará no mercado no próximo mês de Abril. Um álbum com 12 composições, todas da autoria de Gilyto, para quem a mais especial é aquela que dedica ao seu falecido avô. O cantor não revela ainda qual será o título do disco, mas admite que “tem a ver com algo que brilha”, numa alusão à nova fase que vive na sua carreira.

Rebaptizado pelos seus fãs com a alcunha “Mr. Enternainer” - em parte, por ser um bom bailarino -, Gilyto fez a sua estreia em 1999, com “Kel Tempu”, CD que inclui o grande êxito intitulado “Cynthia”. Dois anos depois, o cantor, que é mais do que um simples intérprete - toca piano, escreve, compõe e produz os seus trabalhos discográficos e videoclips -, lançaria o seu segundo CD, “Nha Atriz Principal”.

Passados quatro anos, Gilyto ultima o seu terceiro álbum a solo, cujo repertório inclui desde o funaná (lento e rápido), zouk, à coladeira, balada e cola-zouk. Composições da sua autoria, que contam com a colaboração de Pato, Vado e Kido Semedo. Dentre essas faixas, o músico destaca três: o funaná lento que é uma homenagem

ao seu falecido avô, a coladeira tradicional (gravada só com instrumentos acústicos) e o zouk que dará título ao disco.

É esse tema que, neste momento, concentra toda a atenção de Gilyto, uma vez que inspira a produção do primeiro videoclip do disco, que começará a ser mostrado nas televisões - TCV e RTP África - 15 dias antes do lançamento do álbum. E, porque estamos na era da alta tecnologia, o mesmo videoclip será inserido no CD, pelo que quem tem DVD pode visioná-lo na sua televisão.

À estreia do videoclip segue-se a digressão, que incluirá a terra natal, os países onde existem comunidades de emigrantes cabo-verdianos e os Palop, onde Gilyto tem muitos fãs. Tantos que, em 2003, recebeu durante o Encontro das Culturas Africanas, em Lisboa, um disco de ouro por vendas superiores a 30 mil cópias em Moçambique.

Confirmada está já a sua actuação no Festival Zoukizomba 2005, a 11 de Junho, em Portugal, país onde reside. E no pico do verão deste ano, para dar um sabor mais intenso à tournée, Gilyto, natural de Achada Galego, Santa Catarina, projecta o lançamento do seu primeiro DVD, com grandes hits da sua carreira.

Teresa Sofia Fortes

MTV em África

A MTV, a mais famosa rede de canais de televisão 100 por cento dedicada à música de todo o mundo, tem agora um canal só para a África. Denominado “MTV Base”, o canal, que é direccionado especialmente à audiência jovem de 50 países do continente negro, emitirá, via cabo, música e entretenimento feitos por africanos para mais de 1.3 milhão de lares.

Até Fevereiro último, os africanos com acesso à televisão por cabo viam a “MTV Europe”, um dos 100 canais da rede criada em 1981. Mas hoje eles têm um canal dedicado só ao continente, criado de acordo com o mesmo modelo que fez da MTV um sucesso nos últimos 23 anos, daí que incluirá programas tais como: perfil dos novos talentos, o top 10 dos vídeos ou entrevistas com as grandes lendas da música africana.

Para esta fase de lançamento, o canal, que se compromete a mostrar 24 horas por dia videoclips de artistas africanos já consagrados como Femi Kuti, da Nigéria, Magic System, da Côte d'Ivoire, ou do SSP, de Angola,

e de revelações como Lebo Mathosa, da África do Sul, e 2face, da Nigéria, contratou o DJ britânico Trevor Nelson, especialista em música urbana.

A abertura da MTV Base está entretanto a provocar análises díspares entre os especialistas em *media* do continente africano. Por exemplo, a especialista em televisão Elva Gomez Ve Sibandze afirmou, à Agence France Press (AFP), que o canal “é um desafio devido às extremas desigualdades culturais e socio-económicas que existem no continente”, numa alusão ao facto de que poucas pessoas têm dinheiro para pagar televisão por satélite.

Quanto aos cabo-verdianos, mesmo os que têm capacidade financeira, têm que esperar até que o país entre no mundo da televisão por cabo para verem a *MTV Africa*. Os nossos artistas não devem, entretanto, esperar por esse dia, mas aproveitar mais este canal que se abre para a sua internacionalização. Devem por isso enviar os seus videoclips para a *MTV Base* e certamente os afri-



canos, tal como os europeus, asiáticos e americanos, também reconhecem o seu talento natural para a música.

Apesar das limitações financeiras e tecnológicas, não deixa de ser um ganho para a África ter um canal onde os artistas podem mostrar o seu trabalho, não com base em opi-

niões e critérios de pessoas que se dizem especialistas, mas que não entendem a realidade cultural do continente negro, mas graças ao voto dos telespectadores, em especial dos fãs. Podem não ser especialistas, mas são eles quem mais ordena.

TSF

KRIOLIDADI

Arranço na Praia “MARÇO, MES DO TEATRO”

Coube ao grupo Fladu Flá as honras de abertura do ciclo “*Março, mês de teatro*”, na Praia. Com a peça “*Flagelo*”, trazida a palco no auditório do Centro Cultural Português (CCP) na passada sexta-feira, esta companhia desfiou a vida e morte de Bartolomeu, um jovem que se apercebeu tarde demais dos riscos associados a uma vida sexual desregrada.

Usando o humor como veículo de intervenção social, Fladu Flá abordou várias questões relacionadas com esta doença, entre as quais os perigos dos falsos curandeiros que prometem remédios para os males do corpo e da alma em troca de fortunas. “*Em África há remédio para tudo*” - afirmação do feiticeiro, refutada ao longo da peça.

A importância do recurso aos medicamentos anti-retrovirais, “*que retardam os efeitos da doença*”, ajudando o seropositivo a ter uma “*vida normal*”, foi também veiculada ao longo da peça, desenvolvida num cenário simples, apenas mutável através dos jogos de luzes.

Sabino Daessa, presidente do Fladu Flá, afirmou ao **Kriolidadi** que “*esta peça é uma forma de usar o teatro como vertente de sensibilização social e de, assim, manifestarmos que estamos de mãos dadas na luta contra este flagelo*”.

A referência a esta doença na perspectiva da estigmatização social do seropositivo foi uma das vertentes abordadas na peça “*Sida*”, levada à cena pelo grupo Ramonda, no segundo dia do ciclo de teatro, que neste primeiro fim-de-semana deu um especial enfoque a esta questão.



Incidindo a trama em torno de um homem que descobre um dia que tanto ele como a sua mulher estão infectados pelo vírus do HIV/SIDA, o grupo Ramonda demonstrou que a desinformação leva à discriminação. A perspectiva do impacto da doença no seio da família é também abordado em “*Sida*”, através do drama dos filhos deste casal, que vêem os seus pais definharem, pouco a pouco. À semelhança de Fladu Flá, também a companhia de teatro

Ramonda optou por tratar esta questão séria e preocupante com humor e situações hilariantes.

Estas duas peças inserem-se na programação do CCP que, durante todo este mês, prevê para todas as sextas-feiras e sábados a encenação de uma peça teatral, associada a uma palestra incidente sobre o tema abordado no palco.

PMC

HISTÓRIA DAS RELAÇÕES AMOROSAS

A Companhia Solaris leva à cena hoje e amanhã, 11 e 12, às 21h30, em estreia absoluta a peça “*Julietas*”, numa adaptação livre da obra “*Romeu e Julieta*”, de William Shakespeare. As duas personagens principais dessa tragédia inspiraram o autor e encenador Herlandson Duarte a conceber uma visão mais arrojada do relacionamento amoroso entre os seres humanos, recorrendo a uma linguagem, cenário e exercício gestual considerados bastante audazes para realidade teatral São Vicente.

De acordo com Emanuel “*Neu*” Lopes, director da Companhia Solaris, “*Julietas é a representação da atracção entre os seres, desde Adão e Eva, na descoberta do prazer*”. Cinco personagens contam a história dos relacionamentos amorosos entre os sexos, numa peça que “*é muito gestual*”. “*Não tem muito diálogo, os textos são básicos mas fortes no que*

toca à linguagem usada, que é ousada e, quem sabe, atrevida e pode causar uma certa reacção a nível social e religioso”, explica o director da Companhia Solaris.

“*Julietas fala das relações amorosas entre os seres humanos, desde Adão e Eva, Abrão e Sara e outros casais da Bíblia e até de Jesus Cristo, numa linguagem e comportamento em palco sensual que podem ferir a sensibilidade de algumas pessoas*”, afirma “*Neu*” Lopes. Por isso, a peça não será aconselhada a menores de 16 anos.

Género indefinido, nem comédia nem drama ou tragédia, “*Julietas*” foi criada, nas palavras de “*Neu*”, “*para surpreender as pessoas*”. “*Hoje e amanhã, as pessoas vão ao Centro Cultural do Mindelo à espera de ver uma coisa, mas vão ser completamente surpreendidas*”, assegura o entrevistado de **Kriolidadi**, pois não só “*vamos chamar a aten-*

ção para os preconceitos que existem na nossa sociedade e levar as pessoas a tirar as suas próprias ilações sobre o seu comportamento”, mas também porque “*queremos fazer um novo tipo de teatro*”.

Escrita em português, “*Julietas*” tem o suporte de uma banda sonora clássica e romântica, baseada em obras de músicos nacionais e estrangeiros. “*Há momentos em que não há música devido aos efeitos sonoros pelos actores, mas a banda sonora é bastante rica e um importante reforço quer nos momentos de drama quer nas ocasiões cómicas*”, explica o presidente da Companhia Solaris, grupo criado no ano passado pelos alunos do IX Curso de Iniciação Teatral do Centro Cultural Português do Mindelo - Instituto Camões e que já protagonizou as peças “*Tertúlia*” e “*Autocarro da Riola*”.

Teresa Sofia Fortes



“*Jovens Unidos*” a um ritmo frenético

Fundado há menos de dois meses, o grupo “*Jovens Unidos*” de Ribeirão Campo de Cão já teve pedalada suficiente para ensaiar e apresentar em três palcos diferentes a peça teatral “*Omor Quent*”. E é com esse ritmo frenético que o grupo pretende não só fazer rejuvenescer a arte dramática no concelho mais populoso de Santo Antão, mas também incentivar os ribeiragrandenses a assistir aos espectáculos teatrais.

Não houve tempo para aprimorar a encenação da peça “*Omor Quent*” já que quatro dias após a escolha dos actores, o grupo “*Jovens Unidos*” fez o seu primeiro espectáculo no âmbito das actividades do 17 de Janeiro, dia do Município da Ribeira Grande. Entrementes, a população de Ribeirão foi bastante receptiva a esta história de um “*casamento com amor*”, escrita pela professora Maria Teresa Cruz, e os aplausos do público transformaram-se num “*rico estímulo*” para o grupo ganhar estrada.

Da data da sua fundação, a 11 de Janeiro de 2005, até ao momento o grupo já se apresentou em três palcos diferentes, fazendo o percurso do interior para a vila da Ribeira Grande. E a última apresentação foi feita no centro paroquial Nossa Senhora do

Rosário, na sexta-feira passada, para um público essencialmente jovem que não se cansou de rir das expressões cómicas de “*Omor Quent*”. Uma peça na qual a autora pretende demonstrar que no meio de todo o jogo material que envolvia certas relações matrimoniais nos tempos idos em Santo Antão, havia “*casamentos à moda antiga*” alimentados por doses sinceras de amor, amizade e cumplicidade.

Na verdade, “*Omor Quent*” é uma peça que difere pouco da conhecida “*Problemas de Família*”, já gravada em vídeo pelo grupo teatral Juventude em Marcha. Ambas são histórias de um amor escondido entre um professor e uma ingénua menina dum povoado de pessoas iletradas, do qual resulta uma gravidez inesperada. Só que no caso da peça do “*Jovens Unidos*”, o pai da rapariga, apesar da sua maneira rude de encarar a vida, acaba por compreender o amor da filha pelo professor e aceita o casamento destes dois jovens amantes.

Em cerca de quarenta minutos de espectáculo, o grupo desfila uma série de gestos divertidos e gracejos típicos da vida quotidiana do agricultor santantonense, porém no decorrer da peça os “*actores*” evidenciam

alguma falta de “*traquejo*” em palco até porque não têm nenhuma formação teatral. Apenas a “*actriz*” e autora da peça, Maria Teresa Cruz, já participou em algumas experiências teatrais e teve aulas de expressão dramática no curso para professores do EBI.

Seja como for, a determinação de fazer rejuvenescer o teatro na Ribeira Grande parece superar a inexperiência dos 10 componentes do “*Jovens Unidos*”, que já neste domingo vão apresentar “*Omor Quent*” pela segunda vez ao público de Ribeirão. Têm também apresentações agendadas para Figueiral, João Afonso e outras localidades das freguesias de Santo Crucifixo, conforme Maria Teresa Cruz.

É de aplaudir, ademais, a iniciativa desses jovens amantes da Cultura da zona de Ribeirão que, apesar de toda a “*verdura teatral*”, se lançaram na aventura de fazer arte dramática num concelho onde, até ao aparecimento do “*Jovens Unidos*”, não havia nenhum grupo em actividade. As “*mazelas*” nas encenações e no desempenho dos actores, como afirma Adilson, “*serão superadas com o madurecimento do grupo*” e, quiçá, com algum curso em arte dramática nos centros de formação na cidade do Mindelo.

JAM



Exposição invulgar no CCP

Exposição

O Centro Cultural Português na Praia vai acolher, a partir das 18.30 do dia 15, uma exposição de pintura com um propósito invulgar - recolher uma amostra significativa de diferentes percepções sobre as obras expostas, que servirão de base à tese de doutoramento do seu criador. Nuno Chuva Vasco, assim se chama o artista plástico que se prepara para expor no CCP, lança, assim, o convite à reflexão sobre os conceitos estéticos que irá apresentar.

À entrada da exposição, vai ser distribuído aos visitantes um inquérito que estes terão que preencher durante o percurso feito ao longo das obras expostas. De acordo com João Neves, director do CCP, este questionário pretende captar



“as percepções em torno de uma cor, da profundidade

de campo, de questões cujas respostas são fundamentais para Chuva Vasco de-

envolver o seu trabalho de investigação”.

A tese de doutoramento de Nuno Chuva Vasco, que está a ser realizada na Universidade de Aveiro, em Portugal, versa sobre o tema “A não comunicação na arte, na sequência do seu processo de decadência”. O estudo é orientado pelos objectivos de distinguir conceitos como comunicação ou não comunicação da obra de arte, e compreensão da actualidade artística, bem como a análise do percurso histórico da arte, através do questionamento do próprio conceito de arte e obra de arte.

No final da exposição, Chuva Vasco vai orientar uma conferência sobre o tema do seu estudo. A exposição viajará em seguida até S. Vicente, onde será exposta na Escola Internacional de Artes, no Mindelo, a partir das 18.30, do dia 18.

REABILITAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ARTESANATO PARA BREVE

As obras de reabilitação do Centro Nacional de Artesanato, no coração do Mindelo, São Vicente, devem começar provavelmente no próximo mês de Abril, uma vez que, segundo Carlos Carvalho, presidente do Instituto da Investigação e do Património Cultural (IIPC), o governo já disponibilizou a verba de cinco mil contos que prometeu investir naquela importante infra-estrutura cultural do país.

“Estamos a preparar-nos para começar em Abril, mas ainda é prematuro afirmar com certeza porque falta o IIPC realizar mais uma reunião com a Câmara Municipal de São Vicente, o que deverá acontecer possivelmente na terceira semana de Março”, explica Carlos Carvalho. O IIPC está, neste momento, a definir a vertente técnica do projecto, última etapa antes do início das obras.

Estas, conforme apurou Kriolidadi, vão ser executadas em regime directo, ou seja, não vão ser adjudicadas a nenhuma empresa do sector da construção civil. Talvez terá sido o meio encontrado pelo IIPC para assegurar que o traço arquitectónico do CNA não seja adulterado, como foi o caso do seminário-liceu de Ribeira Brava, em São Nicolau.

“Vai-se respeitar religiosamente a estrutura do edifício, pois só vão ser feitas obras de reabilitação e, nalguns casos, de restauração também”, assegura Carlos Carvalho, confiante em que tais obras ficarão concluídas “ainda este ano, uma vez que já não existe nenhum impedimento de ordem financeira”.

Concluídos os trabalhos, o CNA será transformado, conforme o ministro da Cultura afirmou recentemente numa entrevista ao Kriolidadi, “num museu vivo, para exposições do artesanato das ilhas, de modo a facilitar o escoamento desses produtos, e formação de futuros artesãos”. Por isso, uma equipa liderada pelo trio Manuel Figueira, Bela Duarte e Luísa Queirós efectua, neste momento, um trabalho de catalogação do espólio do CNA.

TSF

C I N E M A

BAIRRO

“O Candidato da Verdade”



Em 1966 chegou às salas um filme que fez furor entre os órgãos da diplomacia norte-americana: “The Manchurian Candidate”. Agora, quase 38 anos depois, o realizador Jonathan Demme faz uma segunda versão, cujo título em português de “The Manchurian Candidate” é O Candidato da Verdade. Este filme narra o drama pessoal do Major Bennet Marco, que não consegue dormir de noite... nem quer.

Marco, personagem vivido por Denzel Washington, secretamente pergunta a si mesmo se as mortes em combate no Kwait não terão ocorrido de uma forma mais sombria do que a que consta oficialmente. E ao investigar tais mortes, Marco descobre que aparentemente existe uma conspiração para acabar com a democracia nos Estados Unidos, pelo que a contagem do tempo não poderia ser mais excitante. Um filme de grande suspense com Denzel Washington e Meryl Streep nos principais papéis, com um desempenho muito elogiado pela crítica.

PRAIA

“Alexandre, o Grande”



É a épica biografia de Alexandre, também conhecido como “Alexandre Magno”, que aos 32 anos era o líder do maior império que o mundo alguma vez viu. O filme, dirigido pelo consagrado Oliver Stone e protagonizado pelo actor Colin Farrell, relata a infância de Alexandre, o Grande, a sua ascensão ao poder ainda bem jovem, a expansão do seu império, que incluía regiões como Egito, Mesopotâmia, Babilónia, Pérsia,

Afganistão, Ásia Menor e foi conquistado graças às eficientes técnicas de combate engendradas por Alexandre, o declínio e a queda final, que aconteceu com a sua morte, aos 32 anos, vítima de uma doença desconhecida despoletada por uma picada de mosquito. Um filme histórico que, segundo a crítica, é ainda mais impressionante de que “O Gladiador”.

MINDELO

“O Tesouro”



Benjamin Franklin Gates (Nicolas Cage) é a terceira geração de uma família de caçadores de tesouro. Toda a sua vida procurou um tesouro que ninguém acreditava existir, formado ao longo dos tempos, transportado por continentes, para se tornar o maior que o mundo já conheceu. Foi escondido pelos pais fundadores dos Estados Unidos da América, que deixaram pistas para ser encontrado e estas levam a um sítio onde ninguém lem-

braria de procurar: um mapa escondido no verso da Declaração de Independência. Mas, conforme a palavra se espalha, Gates é obrigado a fazer o impensável para proteger o tesouro: roubar o documento mais estimado da história americana, antes que caia nas mãos erradas. Numa corrida contra o tempo, Gates tem que escapar do FBI e estar um passo à frente do seu inimigo, decifrando as pistas que desvendam o mistério de dois mil anos por detrás do tesouro.

KRIOLIDADI

CONCHEIRO DA SALAMANSA

Escavação exaustiva

O mistério escondido no concheiro da Salamanca, uma estação arqueológica susceptível de conter elementos novos sobre o povoamento de Cabo Verde, poderá ser finalmente desvendado por uma equipa técnica portuguesa, contratada para fazer uma escavação exaustiva desse terreno. Durante 15 dias, a equipa liderada pelo professor João Cardoso, e integrada ainda pelo biólogo Francisco Reiner, vai desbravar a terra para trazer à luz aquilo que o concheiro tem escondido durante séculos.

Paira alguma expectativa sobre as peças arqueológicas que poderão estar “sepultadas” nessa zona da Salamanca. “Queremos desbravar essa área e saber aquilo que esconde”, afirma Carlos Carvalho, para quem o trabalho a ser conduzido por João Cardoso, sob a fiscalização de um técnico do Ministério da Cultura, deverá ser conclusivo, nesse sentido.

Segundo Carvalho, é provável que sejam descobertos novos artefactos na região. Todas as pe-

ças serão catalogadas para serem depois estudadas. “Dependendo do valor do material que for eventualmente encontrado, poderá ser alvo de análise científica em Portugal”, acrescenta o director do IPC, deixando claro o interesse de Cabo Verde em salvaguardar todo o seu património histórico e cultural.

Quase todos os custos da escavação estão a ser suportados pelo Estado e a Câmara de S. Vicente. No entanto, este processo conta com a parceria técnica do Centro Português de Actividades Sub-Aquáticas. “Não há intervenção de nenhuma universidade portuguesa”, esclarece Carvalho, referindo-se a uma informação veiculada pela edilidade mindelense acerca das escavações na Salamanca. Segundo Carvalho, a data mais provável para o arranque da investigação será o próximo dia 21 de Março, dois dias após a chegada da equipa portuguesa a S. Vicente.

KzB



CCTarrafal inapropriado para actividade cultural



A Câmara Municipal de São Nicolau pretende realizar, ainda este ano, obras de melhoria no Centro Cultural do Tarrafal. Trata-se de uma infra-estrutura nova, inaugurada nos últimos meses do segundo mandato de Benvindo Oliveira, mas que, segundo o vereador José Cabral, “não oferece condições nenhuma para acolher actividades culturais”.

Inaugurado com pompa e circunstância a 4 de Dezembro de 2003, Dia do Município de São Nicolau, o Centro Cultural do Tarrafal é constituído por uma sala de espectáculos com capacidade para 150 pessoas, espaço para cursos ligados às modernas tecnologias de informação, biblioteca, sala de exposições e um bar/esplanada.

Nas vésperas da sua abertura, em declaração a A Semana (edição nº 634, 07-11-03), António Silva, vereador destacado para a região do Tarrafal, afirmava que “a Câmara Municipal investiu milhares de contos nessa obra, que conta com o financiamento da sua congénere de Abrantes, no valor de 33 mil euros”. Dinheiro que, na opinião de José Cabral, actual vereador, foi mal aproveitado. Cabral diz que “o Centro Cultural do Tarrafal é uma cai-

xa que não tem uso” porque “é mal feito”. O vereador sanicolauense explica que o edifício tem um som de péssima qualidade, assim como a ventilação”. E para piorar, prossegue José Cabral, “quando chove, entra água lá dentro”. Mas não é só isso: “A infra-estrutura está sub-aproveitada”.

A biblioteca, que possui um considerável acervo, não funciona em pleno, segundo José Cabral porque “ali não trabalha ninguém com formação de bibliotecário, capaz de orientar as pessoas que querem consultar os livros”. E o auditório, que pode acolher espectáculos de dança, música ou teatro, “não possui iluminação nem sonorização adequada e falta mobiliário”.

Tudo isso faz com que, conforme José Cabral, “sejam urgentes obras de melhoria, pois São Nicolau necessita de um espaço para actividades culturais”. E, na falta de meios próprios do município, a edilidade entregou, desde o ano passado, um projecto de obras de melhoria a uma instituição bancária da praça cabo-verdiana, que se comprometeu a financiar, pelo menos, os trabalhos de sonorização e iluminação do auditório.

TSF

O teatro como veículo de reabilitação

Baseado na história original de Sara Monteiro “O Príncipe Perfeito”, a peça teatral homónima foi levada à cena ontem, 10, no Centro Cultural do Mindelo, por um grupo de actores muito particular: meninos socialmente desfavorecidos que beneficiam do programa de reabilitação da “Operação Carinho”, a quem Elisabete Gonçalves, encenadora do Teatro Infantil do Mindelo (TIM) desafiou para participar de um atelier de “Máscaras e Caracterização”. Gonçalves leu, então, “O Príncipe Perfeito” e, eis que, após três meses de ensaio, a trupe mirim experimentou o sabor do palco e, quem sabe, descobriu o seu futuro profissional.

Elisabete Gonçalves sempre mostrou, durante estes anos em que faz teatro, o desejo de ensinar artes dramáticas às crianças do Mindelo. A ideia ganhou força no ano passado, com a criação do TIM, que decidiu então apresentar o projecto à Câmara Municipal de S. Vicente, cujo objectivo era desenvolver a capacidade das crianças adolescentes para a expressão dramática, utilizando como utensílios cénicos a máscara e a caracterização. Aprovado o projecto, a encenadora iniciou o trabalho.

“O Atelier realizou-se em várias fases: primeiro a construção das máscaras com pasta de papel, utilizando a técnica do balão e moldando as feições da cara, com moldes em gesso. Na caracterização eles experimentaram fazer neles próprios usando a

criatividade de cada um. Tentámos fazer um trabalho de grupo, ficámos a saber os problemas uns dos outros, ganhando confiança, formámos um grupo de amigos e pusemos mãos à obra. Eles tratando-me por professora, e eu a eles por meninos”, conta Elisabete Gonçalves.

Num dos intervalos do trabalho, quando desfrutava de um momento de lazer com a filha, Elisabete descobriu a melhor forma de tornar ainda mais útil o trabalho que os meninos da “Operação Carinho” vinham fazendo. A responsável do TIM afirma que “num dia desses à noite, a minha filha pediu-me para lhe contar uma história. Fui à estante e tirei um livro qualquer. Era uma história em que as personagens usavam máscaras, ideal para o trabalho que estava a realizar. Foi nessa história que me inspirei para criar a peça que tiveram a oportunidade de ver”.

Satisfeita, a encenadora garante acreditar que esses jovens, que no dia-a-dia enfrentam muitos problemas e dificuldades, “encontraram no teatro e na expressão dramática uma forma saudável de se expressar e de mostrar que socialmente estão vivos e com vontade de lutar para sair da situação difícil em que se encontram. Estou certa de que em cada uma destas crianças há um pouco desse “príncipe perfeito”, que é justo e quer ver todo o mundo feliz”.

TSF

